

A COBERTURA VEGETAL EM MINAS GERAIS: DO FINAL DO PLEISTOCENO AOS DIAS ATUAIS.

Congresso Online de Educação Biológica, 1ª edição, de 26/10/2021 a 28/10/2021
ISBN dos Anais: 978-65-81152-15-4

SILVA; Leandro Vieira da¹

RESUMO

O objetivo desse trabalho é apresentar um breve panorama sobre as mudanças da cobertura vegetal no Estado de Minas Gerais para demonstrar o dinamismo dos espaços naturais e assim tratar didaticamente dessa temática em ambientes escolares formais e não formais. A região de Lagoa Santa apresenta evidências de semi-aridez no Pleistoceno Tardio, por volta de 14.000 a 12.000, já que registros palinológicos em lagoas e veredas apontam condições climáticas desfavoráveis para formação de superfícies aquáticas permanentes. Na Lagoa dos Olhos D'Água, a diminuição do lago provocado por longas estações de seca é indicada pela baixa presença de vestígios das algas. Em Serra do Salitre, a Araucária (*Araucaria angustifolia*), o *Podocarpus* e outras plantas aquáticas estão presentes após 15.280 anos atrás, indicando fortemente um clima mais frio e úmido. A particularidade de Serra do Salitre, certamente, se deve ao gradiente da altitude. Após 10.000 anos atrás a Araucária e as outras espécies sofrem uma diminuição abrupta, sugerindo aumento de temperatura e menor pluviosidade. Entre 12.000 a 7.500 anos na Lagoa dos Olhos o registro aponta a presença de pequis (*Caryocar brasiliensis*) com altas concentrações por volta de 9.300 anos atrás, juntamente com gramíneas e ciperáceas, demonstrando longas estações de seca. Possivelmente, a cobertura vegetal dessa época era o Cerradão. Em outro ponto de coletas palinológicas, a Lagoa do Pires, no município de Água Boa, o registro apresentou uma taxa típica do cerrado stricto sensu e já na Serra do Salitre, a Araucária estava ainda presente entre 9.500 a 8.000 anos atrás, sendo posteriormente, substituída por uma vegetação semi-decidual. Entre 7.500 a 4.000 anos atrás, a região de Lagoa Santa apresenta registros de expansão florestal do tipo arbórea. Por volta de 6.790 anos atrás o pequi retraiu e foi substituído por uma sucessão de espécies florestais mais úmidas como *Celtis*, *Alchornea* e *Myrtaceae*. Em contrapartida na Serra do Salitre, cerca de 5.500 anos atrás, a formação arbórea deu lugar a uma floresta semi-decidual, o que sugere estações mais secas. Na Lagoa do Pires as matas de galeria expandem nesta fase, porém pouco tempo depois é reduzida e substituída por espécies típicas do cerrado. Após 4.000 anos até o presente, na Lagoa dos Olhos sugere a presença de florestas semi-deciduais, com campos abertos e estrato herbáceo. Em 1.320 anos atrás, a vegetação é um verdadeiro mosaico, com rica diversidade de espécies. Já na Serra do Salitre há 4.000 anos o registro aponta para a mesma composição florística atual. Na Lagoa do Pires por volta de 4.000 anos atrás a vegetação é composta por espécies de cerrado com matas de galerias, porém há um decréscimo dessas espécies até 2.780 anos atrás, seguidos por um retorno da vegetação de cerrado entre 2.780 a 970 anos atrás. Nos últimos mil anos a Lagoa do Pires apresenta registros de uma vegetação semi-decidual. Assim, o modelo explicativo construído a partir dos dados, considera que a cobertura vegetal na transição do Pleistoceno-Holocene era do tipo savânicas e que gradualmente partiu para uma crescente umidade os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Botânica, Cerrado, Holocene, Pleistocene, Vegetação

¹ IEF-MG, leandro.vieira@meioambiente.mg.gov.br